

*“É muito provável que os evangelistas acreditassem no seu dever de contar, com a ordem que Deus sugeriria às suas memórias, aqueles factos que narravam, pelo menos naquele que a ordem, qualquer que fosse, não tirava nada à verdade e à autoridade evangélica”*

Agostinho de Hipona. *De consensu Evangeliorum.*, 2, 21. 51 s.; PL 34, 1102.

---

A antropologia cultural, quando transferida ao estudo dos textos bíblicos, coloca a relação do homem com Deus a partir da experiência do texto sagrado, e o analisa a través das culturas da época. Com o auxílio da etnografia e da arqueologia, a Antropologia cultural cria as bases de estudo do estilo de vida duma cultura determinada, a partir do contexto histórico, geográfico e social.

Porém, a Antropologia Teológica, trata do estudo da doutrina enquanto às origens do homem e a sua relação com Deus, indissociável e permanentemente escrutinado na semelhança com “O seu Criador”, ancorado no exercício moral de eleição, pelo dão do arbítrio, entre o pecado e/ou conversão, e por tanto, na cercania ou afastamento de Deus.

Se para a Antropologia teológica, o centro é Deus na sua relação com a humanidade, para a Antropologia bíblica o será o ser humano (homem-mulher), colocado no seu contexto histórico-cultural marcante e condicionante, o objeto da análise nessa relação com a Providencia.

Contudo, encontro - após seguir as aulas de formação deste curso- que existe uma forte concatenação em ambas disciplinas na base de partida de qualquer estudo. Para ambas, é a partir do mito (homem criado por Deus, pecador que se afasta do seu Criador por livre-arbítrio, onde “a promessa da graça redentora” como signo de vida eterna virá desenvolver toda uma relação secular, a partir duma genealogia de origem divina (Adão e Eva), cujos descendentes conservam uma pureza genética continuada em todos os livros sagrados.

Esta genealogia é explicitada, de maneira vigorosa, nos textos do AT, e com uma clara intenção legítima nos primeiros capítulos evangélicos sinópticos para reafirmar a origem real de Jesus pela via putativa.

Outra disciplina fundamental será o estudo da etnologia, o conhecimento dos povos e culturas diferentes no contexto histórico em que tem lugar o relato bíblico. Nessa análise erraremos se contrastarmos o pensamento daquelas culturas e daqueles factos, se estudados ao abrigo do pensamento atual. Pela assepsia do estudo- deverá ser sempre excluído qualquer paralelismo com a atualidade para uma correta e objetiva análise do passado.

Embora todos os temas foram muito interessantes, genealogia, o binómio campo-cidade, a honra... fiquei muito empolgado aquando na referência ao Pai Nosso, salientou a importância do pão como alimento básico, mas essencialmente indispensável, duma população geralmente faminta, a tratar de expor aqui os paralelismos e a evolução linear do significado do pão na Pascoa judia e na cristã, nomeadamente na católica.

*“O pão de cada dia nos dai hoje”*. Isto é: - Sustenta as nossas vidas com o alimento essencial da nossa cultura mediterrânica.

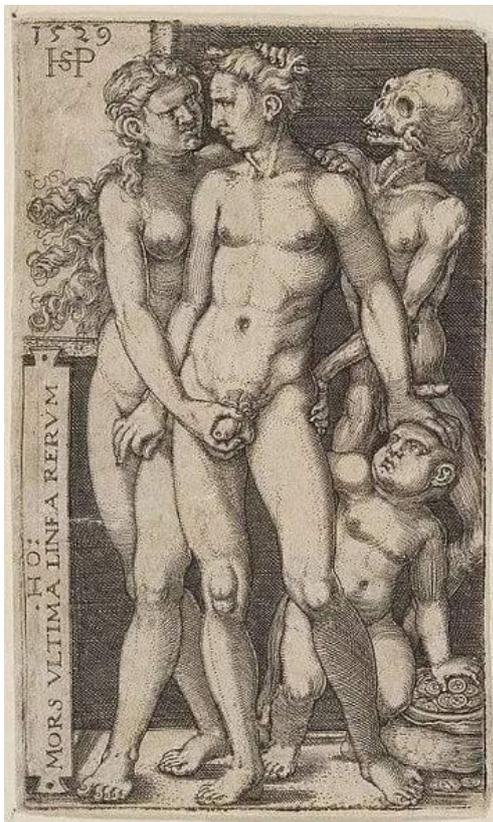
E a lembrar do *“panem et circenses”* romano, símbolo de poder e abastamento, considerei importante contrapor esta significação política romana, tão distante, mas coetânea de Cristo, com a ritualização e sacralização que os judeus conservavam desde os tempos

mosaicos, com os ázimos pascais, determinantes para a autoidentificação do povo de Israel. Mais tarde, no período paleocristão, este ritual definitivamente evoluirá com carácter litúrgico, que ao memorial adiciona o carácter sacrificial e de ação de graças, ganhando assim um vertebral sentido soteriológico.

Para toda a cultura mediterrânica o pão não é, porém, apenas um alimento, mas um símbolo de partilha, quer na dimensão social como na espiritual.

Convém salientar o momento histórico onde surge a confeção do pão, irremediavelmente ligada ao sedentarismo e à prática da agricultura, abandonado já o nomadismo pastoril. Para o povo judeu este encontro com o pão fermentado foi com certeza durante a escravidão no Egito.

Porém, na urgência da noite pascal obriga-os a confeccionar um pão sem fermento, como relatado no Êxodo, pelo que a partir daquela data o uso do pão ázimo se estabelece não apenas como uma forma de conservação do alimento mais duradoura, senão também como um memorial de agradecimento e de afirmação nacional. Este ritual da noite da Páscoa acabará por introduzir, para os seguidores de Jesús, uma outra dimensão do pão a partir do relato da Última Ceia, pois suma à celebração do memorial recordatório da ceia judaica o sacramental eucarístico como viático para a vida eterna.



Para os cristãos, a paixão de Cristo é o sacrifício definitivo do Cordeiro, o Filho Deus, consumado como *resgate* para a definitiva reconciliação do homem com Deus. Estabelecida essa Nova Aliança, agora transcende ao povo judeu, pois é de carácter universal inclui aos gentios. Com este memorial a Páscoa de Cristo Ressuscitado passa, para os cristãos, a substituir na continuidade, à Páscoa judaica.

O pão ázimo da noite da libertação de Israel é agora o ázimo da libertação dos homens, de todos. E de imediato lembramos do prenuncio no episódio da insitência da mulher cananea, quando metafóricamente aludia aos cães à espera das migalhas da mesa dos seus amos.

Na construção dum discurso simbólico sobre o pão como alimento também para vida eterna, permitame a licença de ilustrar este meu comentário com uma muito ousada gravura

manierista flamenca de H. Wierix, na qual se estabelece uma cadeia de conceitos que, partindo dum referente prístino (o pecado original) nos conduz, apenas com uns poucos elementos crípticos, a entender o plano salvífico de Deus na doutrina (católica).

Nesta gravura o pão, é apresentado numa outra dimensão que transcende já o factor antropológico, e confere ao discurso catequético diversos significados.

Os tópicos de interpretação serão: Pecado, Culpa, Promessa, Resgate, Redenção, Eucaristía.

Mas, onde está o pão?... Podemos observar como no canto inferior direito aparece um descendente de Adão e Eva, representado numa criança, com a mão apoiada sobre um saquinho com supostas moedas nas quais campeia gravada uma cruz. Na realidade são formas eucarísticas. A analogia ao Pão de vida eterna, à *moeda de resgate* mencionada acima, é sutil, mas evidente. No contexto que foi realizada a gravura, as particularidades do discurso devem ser interpretadas à luz das directrizes emanadas de Trento.

Não é a minha intenção construir com este breve comentário sobre o pão uma síntese formal acerca da sua importância na alimentação, nem dos seus significantes simbólicos, quer na cultura hebraica em particular quer na mediterrânica em geral, e que se espalham por numerosos livros da Sagrada Escritura para ser posteriormente refletidos na arte sacra a longo da história. É apenas um desabafo da minha curiosidade.

---

Resta-me sinalar que considero a Antropologia bíblica – após esta breve, mas gratificante experiência- uma ferramenta de primeiro nível para entender os sucessivos elos no campo dos significados simbólicos expressados na arte. Para uma correta interpretação, a contextualização dos protagonistas, da sua cultura e história no momento relatado na Sagrada Escritura, torna-se indispensável.

Agradeço muito à Professora Doutora Lidice Meyer a sua dedicação e partilha, e peço sentidas desculpas por não ter podido pessoalmente, por impedimentos profissionais, assistir a todas as aulas em tempo real. Contudo, segui as aulas gravadas, e espero poder assistir a outras formações futuras que eventualmente venham ser programadas.

Meu muito obrigado.

Bibliografia:

*Bíblia Sagrada*. Ed. S. Pablo. 1998

*La tercera noche. Séder y Hagaddáh de Pésaj*. J. A. Sobrado. Caparrós Editores, 1995

*A partilha do Pão*. Jose M. Maia Carneiro (UCP, 2019)

*Diccionario de figuras y simbolismos bíblicos*. Lurker Manfred. Ed. S. Pablo. 1993